

A black and white photograph of a man, Eduardo Lopes, smiling and looking slightly to the right. He has dark, curly hair and is wearing a light-colored, short-sleeved cycling jersey with a dark collar and cuffs. A circular emblem with a cross and wings is visible on the left chest of the jersey. The background is a plain, light color.

EDUARDO LOPES

do G. D. «ILUMINANTE»

Ciclista de renome justo

(foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 37 ★ 18 DE AGOSTO DE 1943

As condições em que vivia o meio desportivo português criaram problemas a que não foi possível dar solução por iniciativa própria. Alguns deles foram, porém, resolvidos agora, em princípio, com as disposições de uma lei — o regulamento geral da Direcção Geral dos Desportos.

Apesar de conter soluções há muito discutidas e preconizadas, senão pela forma como se legislou, pelo menos dentro das linhas gerais em que assenta o novo regulamento, a sua aplicação vai por certo trazer outros problemas. Há-de aparecer, sobretudo na província, o problema da sua adaptação às novas directrizes.

Os clubes provincianos de desporto divergem, nas suas características e nas suas condições de vida normal, das agremiações desportivas da capital. Não dispõem de idênticas condições de funcionamento em rendimentos ou receitas, em instalações adequadas, em facilidade de selecção dos atletas. E divergem também quanto a possibilidades financeiras de organização de provas. A aplicação de algumas das disposições do novo regulamento deve trazer-lhes dificuldades. Ante as soluções encontradas, é preciso estudar serenamente a situação, para a resolver dentro do melhor espírito de colaboração.

Há várias sugestões em curso. Por uma troca de impressões acerca da referida situação, em distrito próximo da capital, soubemos que se aventou, pouco depois da publicação do novo regulamento, a ideia da fusão de algumas agremiações. Tornar fortes, pela concentração de esforços e rendimentos, clubes que levam vida difícil, constitui um ponto de vista absolutamente defensável. Preguntava, no entanto, um dirigente local: — Mas será possível limitar, a um ou dois clubes, uma população atlética que pode andar à roda de dois mil praticantes de vários desportos?

O problema é, na verdade, complexo. É um mal a demasiada pulverização do associativismo desportivo, em clubes sem condições de vida. Mas não é solução conveniente concentrar a actividade desportiva de um núcleo de população num número tão reduzido de clubes que se provoque o congestionamento dos atletas. A concentração de esforços é recomendável — mas noutros moldes e em especial para um plano superior, ou seja para a realização de junções que, pela sua amplitude, não podem ser desempenhadas por cada clube, de per si.

As dificuldades criadas quanto ao funcionamento e à realização de provas, e em qualquer outro campo, tem, pois, de ser analisada com serenidade — e com o sentido da rápida adaptação dos clubes a um estado de coisas que tende a orientar a prática desportiva num objectivo superior.

FINDARAM já os campeonatos de tennnis da Curia, organizados, como de costume, pelo Curia Palace Sports Clube. Tiveram o brilho e a animação que são tradicionais nas provas efectuadas naquela importante e bonita estância termal. Alexandre de Almeida e seu filho, Gil de Almeida, dispensaram aos campeonatos de tennnis da Curia o interesse que lhe merecem todas as iniciativas de carácter desportivo.

A série das provas fechou com a disputa de uma taça com o nome de Gil de Almeida, em homenagem ao seu esforço de organizador dos campeonatos.

O exemplo da Curia alargou-se a outras termas, principalmente no que respeita a instalações para jogos desportivos. Há «courts» de tennnis em quasi todas elas — e muitos contom piscinas, como Estoril, Curia, Gerez, Luso, Granja e Espinho. O desporto é considerado como um elemento de atracção, sob o ponto de vista turístico. Falham, todavia, bastante no que se relaciona com a organização de provas.

Os campos de jogos, as instalações desportivas são, de facto, um elemento de atracção. Mas é necessário animá-los. E as provas são excelentes para tal efeito, quando bem organizadas.

QUE nós sabemos, há piscinas com dimensões próprias para provas de natação e campeonatos de saltos, nas seguintes estâncias termas ou de veraneio: Curia, Luso, Granja e Espinho. Neste ano, só se disputou provas em Espinho. É realmente pouco num desporto que podia ser melhorado em maior escala.

NO último número da «Stadium» põe o nosso ilustre colaborador dr. Salazar Carreira em foco, relativamente ao atletismo, um facto que se observa noutros desportos — é evidente o progresso no que respeita a máximos e «records», mas é menor o número de concorrentes. Progredem-se apenas — em qualidade.

EM desporto, como noutras coisas, passa-se, por vezes, de uma situação simples para outra mais complexa, daquilo que pode ser imperfeito mas que é prático — para as perfeições de ordem teórica. Ou seja do nada — para o máximo. Os saltos, assim, são demasiado bruscos. No meio termo é que está a virtude, assegura um aforismo latino. Mas há um adágio português que pode aplicar-se também: nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

A grande expansão do futebol e o relativo desenvolvimento dos seus organismos federativos, permitem que a época do popular desporto seja geralmente preparada — com tempo. Entre nós, estão já em poder dos clubes da especialidade as bases que hão-de orientar a disputa dos torneios e campeonatos oficiais, não obstante a temporaria só começar em meados do próximo mês de Setembro.

Em Espanha foram também expedidas as instruções federativas — para os diversos campeonatos. No futebol há, pois, cuidado — quanto à preparação das provas. Cuidado — e tempo.

POR parte da Federação de Futebol do país vizinho, continua a haver manifesto interesse pela existência de equipas de amadores — e pelos seus campeonatos. É cuidando dos amadores que se prepara melhor a renovação de valores nas equipas de profissionais.

Certamente com este objectivo, simples e útil, resolveu-se, na Federação espanhola, tornar obrigatória, nos campeonatos regionais de apuramento para o respectivo campeonato nacional, a inscrição de uma equipa por cada clube da 1.ª ou 2.ª Divisão da Liga. Cada grande clube espanhol do futebol precisa, pois, de ter um grupo de amadores.

NOS termos de uma resolução da Direcção Geral de Desportos, e por a mesma repartição entender que a sua missão não poderá ser cabalmente cumprida se os atletas não tiverem um mínimo de instrução que lhes permita estudar e compreender a técnica respectiva, os regulamentos que têm de cumprir e os exemplos de educação cívica que têm de dar, só podem entrar em provas desportivas, a partir de 1 de Janeiro de 1944, os indivíduos que saibam ler e escrever. Esta é, de facto, a boa doutrina. Esperamos, por isso, que dê bons resultados, na prática. Os clubes podem, entretanto, facilitar a solução do problema, promovendo o ensino dos atletas que precisem de regular a sua situação.

CHEGOU a Lisboa, há dias, o novo treinador de futebol do Belenenses. Chama-se Peios Alessandro, é húngaro — e vem de Itália. A sua carreira de treinador fê-la, em grande parte, na Suíça, em França e na Itália. Parece, pois, reunir boas condições para um lugar de longa utilidade no Belenenses.

Os azuis prepararam-se bem para a nova época. A última temporada criou, no popular clube, aspirações que são legítimas. É a melhor forma de tentar dar-lhe realização consista em entregar a preparação dos jogadores a treinador competente.

A GABA de ser publicado, pelo nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira, o «Manual das Leis do Desporto», o qual insere as últimas leis relativas a desporto — a lei que criou a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar e o regulamento geral da mesma Direcção.

Trata-se de uma publicação cuja oportunidade é deaneos-dário encarecer. Fazia falta — e vem em boa altura. Recomendamo-la, por isso, aos interessados — aos atletas e a todas as agremiações desportivas.

O Clube Naval Setubalense está desenvolvendo actividade digna de registo — e aplauso. No decurso deste ano, ampliou as suas instalações; tem representado Setúbal em provas de natação e remo; ganhou nos campeonatos nacionais de remo a prova de yolles de 4, para seniores; e, em colaboração com a omissão de Iniciação e Turismo de Setúbal, prepara várias provas de remo, no Sado, que tem um estuário magnífico para corridas; e de natação, na doca de recreio, perto do seu pósto náutico.

O Naval Setubalense não pára — nos seus trabalhos e nas suas aspirações. E vem por isso a propósito perguntar quando é que o Naval de Setúbal, sempre pronto a animar as provas promovidas por clubes congéneres, conseguirá autorização para voltar a organizar campeonatos no Sado? É a aspiração mais insistente — para honra sua e valorização da cidade.

AS assembleias gerais em preparação não são apenas as que respeitam a clubes, associações e federações de Lisboa — mas a todo o país. Estava tudo suspenso — à espera da publicação do novo regulamento. Parece, debaixo deste aspecto, que vem um pouco tarde. Mas se se notar que o período normal de gerência, nas colectividades de desporto, passa a ser o do ano civil, para se adaptarem melhor a algumas disposições do citado regulamento — devem concordar que se fazem com alguma antecedência.

Alí está como o mesmo caro pode originar comentários opostos... Tudo depende do ângulo de observação.

ANO XI — Lisboa, 18 de Agosto de 1943 — II SÉRIE-N.º 37

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.
Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA
Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A primeira derrota de Levi

registou-se em Barcelona e aprecia-se de Lisboa

QUANDO Beni Levi, que é, evidentemente, um bom pugilista, derrotou Toni Cesari, no Coliseu, em Maio último, escreveu-se em «Stadium»:

«Que sucederá quando Beni defrontar um adversário rijo e forte, um verdadeiro campeão, que não se lhe resista como o derrotado? Queremos saber que a primeira derrota de Levi vai ser uma coisa séria... É que as multidões, como as mulheres, só aplaudem e admiram aqueles que triunfam — e Levi não pode vencer sempre, nem sempre que o público queira...»

Isto escreveu-se, claro, em relação aos «matches» entre nós.

Ora sucedeu precisamente que Beni Levi fez a sua primeira saída — e perdeu.

Aqui, tiveram de render-se, além de outros, Clavari, Lopez (duas vezes), Ferrer, Alvarez, Cesari, Gascón e Tarré — uns tombando ante a rudeza dos golpes de Levi e outros resistindo até o limite, mas para perderem também.

O ambiente era propício a Levi, que assim pôde coleccionar boa série de triunfos — o melhor que podia desejar um campeão e ainda excelente sintoma de publicidade para vãos mais altos. E o primeiro passo deu-o ele agora.

Foi um passo em falso?! Não cremos que assim tenha sido — pois a derrota, nas circunstâncias da de Levi, não delustrava nem diminuía o valor do vencido, neste caso Levi, que teve a virtude de arrebatar multidões, como igualmente sucedeu agora em Barcelona.

Confiamos sempre nas possibilidades do moçambicano. E nem sequer quisemos saber se Peiró era um boémio elegante e famoso cantor de tangos — pois entendemos que um «boxeur» é um homem como os outros é pode cantar e folgar quando lhe apeteça... No entanto, houve quem descrevesse da classe do espanhol, um moço divertido mas que não é campeão de coisa nenhuma! Pergunta-se: «Então só os campeões têm valor?! E quantos pugilistas não há por esse Mundo, que são bons mas não usam títulos?! Peiró provou-o.»

A derrota de Levi não nos causou estranheza, embora provocasse uma vaga de desânimo naquêles que o idolatram e se habituaram a vê-lo vencer sempre...

Mas é que em Espanha a situação tinha de mudar! Fatalmente. Em Espanha ou noutro qualquer país que não seja Portugal...

Por muito que se queira — falta «qualquer coisa»; e as reacções do público constituem factores importantes, quando dois homens se esmurram à vista dêle! Pesam sempre no estado de espirito do «boxeur».

Levi sabia-o, mas ainda não lhe sucedera ter de jogar fora do «seu» ambiente.

Os quatro K-D do 1.º assalto devem ter-lhe abalado o moral. Mas o seu poder de recuperação, que é realmente fantástico, permitiu-lhe ir até final.

O que sucedeu a Levi, naquêles 1.º «round» histórico, tem sucedido a muitos outros «boxeurs» de primeiro plano. As vezes, um simples descuido, quando o adversário está atento, pode ser fatal.

Recordemos, por exemplo, os K-O fulminantes de Ted Kid Lewis (diante de Carpentier), de Ledoux (frente a Crique) e de Tavares Crespo (em face de Hilário Martínez). E, mais recente, o de Ferrer, quando defrontou Cerdan. Foram, todos êles, motivados por golpes de decisão bem aproveitados — vitórias rápidas com que os próprios triunfadores nem sequer sonhavam...

Beni Levi teve, contudo, mais sorte — ou, então, Peiró não soube «prosseguir».

Nos assaltos seguintes o nosso campeão acatou-se. Mas a derrota era inevitável, como é sempre que se verificam «estragos» do género, logo ao princípio, por maior que

seja o poder de recuperação. É que os golpes apanhados a frio, quando os músculos não estão ainda em acção, têm sempre efeitos duplos...

Estamos em crer que nova luta entre os mesmos «boxeurs» terá feição inteiramente diferente. Os senhores não acreditam — ou descreeram já das possibilidades e da classe de Beni Levi?!

Nós esperamos que a reabilitação venha depressa — como se impõe e é necessário para prestígio do nosso campeão.

A bravura do moçambicano foi justamente vitoriosa pelas 30 mil pessoas que enchiam por completo a monumental praça de toiros de Arenas. E a espectativa do público — lá como cá... — não foi iludida.

Foi, dizem telegramas e noticiário da Imprensa local, uma batalha titânica, uma luta de gigantes. Peiró e Levi acabaram esgotados e ambos sangrando (o primeiro levou que contar nos últimos «rounds», quando o português, já recompôsto, o castigou, então, duramente). Assinale-se que os quatro K-D do moçambicano ficaram caros ao espanhol, que no último «round» foi ao tapete e acabou «groggy», em piores condições do que Levi!

Viu-se, afinal, que o tal Peiró (sem ser campeão de «boxing») não é aquêlle boémio e cantor de tangos de que tanto falaram — mas sim um autêntico batalhador, o homem que teve a «chance» de, pela primeira vez, vencer o nosso campeão, sem ter sido no «cabaret» ou a cantar...

Na mesma noite, Augusto de Sousa — uma vítima de Levi... — liquidou Martin em dois «rounds». E os marroquinos Amar Bigar e Abd-el-Tif, nossos conhecidos, fizeram resultados diferentes: Amar ganhou aos pontos a Sulfas e Tif apenas durou 7 «rounds» diante de Romero.

Exames de aptidão...

Falou-se de Barcelona e de um moçambicano. Fale-se, agora, de Lisboa e de mais dois moçambicanos: Justino Rodrigues e Carlos Gomes.

Foi, também, uma praça de toiros o teatro das operações: o Campo Pequeno. E foi um exame de aptidões imposto aos rapazes — ou uma «passagem de modelos».

Como queiram e melhor são aos tímpanos de certos indivíduos! E dizemos «passagem de modelos» — porque todos êles foram diferentes, cada um com as suas características, como algumas pessoas que andam por aí...

A Carlos Gomes opuseram um Quintino apavorado pelo «nome» do adversário! E aquilo foi tão triste, tão pobrezinho, que os senhores técnicos deram-se por satisfeitos ao cabo de três «rounds».

Tivemos pena do pobre Quintino, que é, por norma, um lutador. Quanto a Gomes... pareceu-nos um brincalhão com atitudes de «fera»! Mas o rapaz tem jeito — lá isso tem. E deve bater duro. O Quintino que o diga! O tal Carlos Gomes ficou aprovado, com distinção, porque os senhores examinadores dispensaram-no da prova dos seis... Foram somente três «rounds»... a zero!!!

Justino Rodrigues (esse, sim!) mostrou ter fibra de pugilista e jeito para o officio. Joaquim Teixeira — que também é um estilista — deu-lhe boa réplica. No «exame», porém, o moçambicano mereceu aprovação. «Para quem foi, afinal, a «raposa»?!

Em síntese: — vamos ter mais dois «boxeurs» profissionais (mas, então, sempre passam licenças?!...) qualquer dêles com provas dadas da sua aptidão para a arte de oferecer e levar murros.

A propósito de moçambicanos: Carlos Wilson e Fernando Matos voltaram e trouxeram consigo mais três «boxeurs» — Jorge Tofoy, Júlio Neves e Mário Braga.

Por que não fazem os clubes provas inter-sócios

NA nossa crónica da semana passada, houve uma omissão que deve ter deixado o leitor surpreendido. Sem mais nem menos, dissémos que «não se trata de nenhuma idêia genial, — qual ôvo de Colombo». A que se referia esta frase? A uma anterior, que foi «comida» na composição, na qual estudávamos a maneira de os clubes manterem em actividade permanente os seus remadores. Essa «maneira» não era nem genial, nem se assemelhava ao ôvo de Colombo...

Mas os clubes nauticos parece terem-se esquecido de a pôr em prática, com a frequência desejada. Alguns, mesmo, há anos que a não tentam. Por impossibilidade? De quê? Por falta de matéria prima? Não acreditamos — e o «sistema», de resto, visava precisamente a arranjá-la.

Por comodismo, então? Sim, é possível, ainda que não seja de todo em todo muito provável.

Por falta de material? Que idêia!... Se fizermos uma digressão pelas agremiações nauticas da capital encontraremos o material indispensável para animar várias competições, algum até sem ir há tempo para a água e resentindo-se disso!...

Afinal qual é a maneira de se manterem os remadores em actividade, de se descobrirem «novos», de se gerar entusiasmo e emulação, molas poderosas de quanto represente actividade desportiva? Os torneos inter-sócios... Ora aí está!...

Que novidade! Dirão aquêles «geniais» a quem se cumprimenta respectuosamente, por serem «técnicos» de competência intagível... Pois sim — mas já estávamos coraçoados com a prevenção inicial de não pretendermos apresentar o ôvo do navegador genovês...

A verdade é que êsses torneos ou campeonatos inter-sócios — que seriam dotados de taças, ou, quanto muito, de medalhas — assentes, a nosso vêr, em moldes criteriosos, subordinados a regulamentação que tivesse por objectivo único a valorisação de futuras tripulações dos clubes, dariam impulso notável à modalidade e constituiriam, «ipso-facto», o mais berrante cartaz de propaganda.

Isto, para principiar. Porque, depois das regatas inter-sócios — nasceriam as inter-clubes. Recordemos o clamoroso êxito dos dois prêmios Associação Naval — Clube Naval. O remo agitou-se. O público interessou-se, a pontos de pejar por completo o cais do Gás e a ponte da doca de Alcântara, num dia paracento como foi o de 31 de Janeiro de 1937, data da primeira regata.

Assim é que se conquistam prosélitos; assim é que se expande a modalidade.

Não teremos razão?! ARGONAUTA

Com êstes, já são dez!...

Mas nesta verdadeira prova dos 9 — quasi todos êles (Levi, «Changai», Matos, Wilson, Gomes e Justino) deram bom resultado! O n.º 10 é Larsen — que já cá estava, e, por isso, não se inclui naquela prova de aritmética pugilística! E aos três que restam, ainda não os vimos!...

Diz-se que o futuro da nação está nas colónias. Em «boxing» não sucede assim: — o futuro, pelos vistos, vem do ultramar, sim, mas parece estar na metrópole!...

Provas de amadores

Começou o Torneio de Preparação, para amadores, organizado pela Associação de Pugilismo de Lisboa — um organismo que trabalha com vista ao futuro do «boxing». E sem amadores bons não pode haver profissionais — nem futuro, porque o presente é aquilo que se sabe...

Dos resultados das primeiras refinações daremos nota noutro lugar, prometendo, para mais tarde, comentários gerais do torneio em curso, aplaudindo desde já, às mãos ambas, a iniciativa da A. P. L.

JORGE MONTEIRO

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



1 — Bustorff Ferro, detentor do máximo português do lançamento do martelo de 5 Kls., categoria júnior. 1) — A posição dos braços é excelente, ambos passivamente estendidos no prolongamento do fio do martelo, mostrando que neste momento (fim da primeira rotação do corpo) o atleta não emprega a menor força; no entanto,

2 — a esfera está, ou parece estar — às vezes a projecção engana — mais próxima do sólo do que deveria ser numa circundução normal, onde o ramo ascendente do círculo é anterior; máxima descida lateral direita, máxima elevação lateral esquerda.

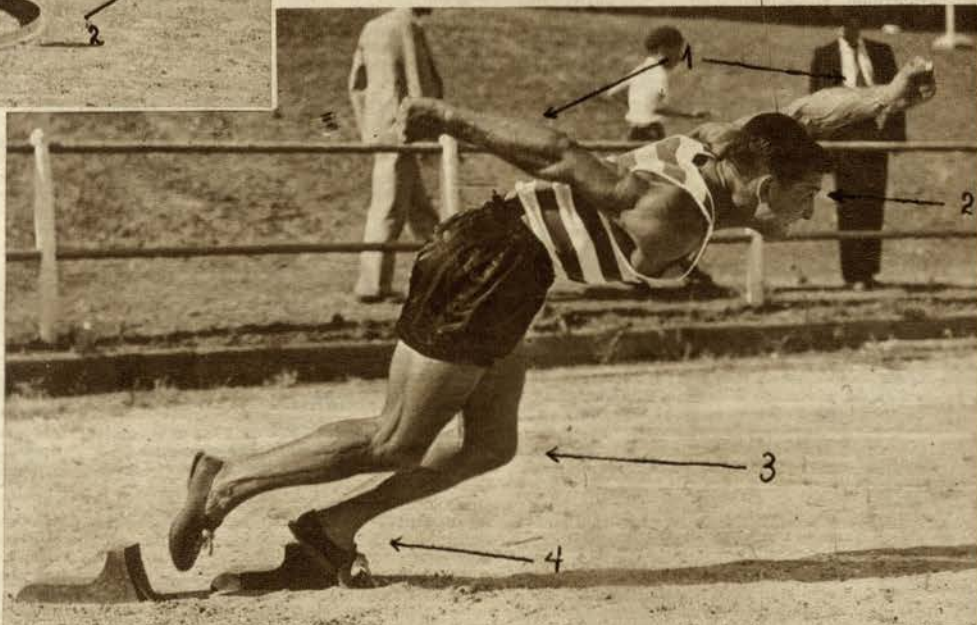
3 — Os pés estão excessivamente separados; a fotografia parece indicar incompatibilidade entre a posição dos pés (o direito tão recuado só se explica com o estilo americano) e a situação do martelo em frente do corpo (correspondente ao estilo alemão de rotações sobre o pé esquerdo, alternadamente de calcanhar e ponta). No estilo americano, o corpo antecede a posição do martelo.

4 — A posição do tronco não é correcta, mas desculpa-se se atendermos ao peso reduzido da esfera, que não obriga o lançador a empenhar esforço. Com o martelo regulamentar a bacia devia manter-se assim, mas com todo o dorso abaúlado, a-fim-de colocar atrás da zona de apoio o ponto de projecção vertical do centro de gravidade, condição indispensável de equilíbrio. Os ombros mais descuidados para diante, puxados pelo martelo e nunca reagindo contra a sua tracção centrífuga.

5 — Boa posição dos joelhos, sempre flectidos e ligeiramente avançados em relação ao pé.

6 — Queixo mais recuado, cabeça levemente pendente para o peito, factor precioso de equilíbrio.

2 — Fernando Lourenço, cam-



peão de velocidade. — A partida foi feita especialmente para o fotógrafo, e o facto influe no estilo. É quasi uma pose.

1 — Ampla projecção dos braços que preferiríamos ligeiramente flectidos pelo cotovelo, sobretudo o da retaguarda (com o cotovelo lançado para cima) o que facilita o movimento de retorno para a passada imediata.

2 — Boa posição da cabeça, olhar fito na frente, nunca desviado para o solo.

3 — O joelho flectido não condiz com o afastamento máximo dos braços; neste momento a extensão devia já ser completa.

4 — O ângulo de inclinação do apoio de madeira é demasiado agudo; o pé, para melhor firmeza no impulso, devia estar mais próximo da vertical. Assim, o ângulo perna-pé fica muito agudo e a impulsão derradeira terá de fazer-se já sem apoio.

Acrescentamos ainda que, numa partida a valer, o estilo não será precisamente este.

3 — António Rodrigues, campeão do lançamento do dardo.

A fotografia corresponde à fase de início de tracção do braço direito. 1 — Pé em apoio no sentido de lançamento e bem assente no solo, mas o joelho flectido prejudica a rigidez da alavanca.

2 — Bom afastamento dos pés e correcta posição do pé direito, arrastando no solo durante a tracção da tronco e braço para diante, a-fim-de iniciar a travagem da corrida.

3 — Levando mesmo em conta que se tenha iniciado o movimento impulsivo do braço, a inclinação do braço à retaguarda é deficiente.

4 — O braço já flectiu, e puxa bem o dardo por cima do ombro, ao mesmo tempo que o reeu do braço esquerdo roda a cintura escapular e firma a base de projecção.

A REGATA OCEANICA PAÇO DE ARCOS-SETUBAL

Numerozo grupo de barcos largaram no sábado do Tejo para esta importante regata, que teve de ser anulada devido à calmaria. A fotografia mostra um dos concorrentes em navegação. Ao fundo a imponente serra da Arrábida

(foto João dos Santos)



NOS CAMPEONATOS NACIONAIS DE PATINAGEM

As equipas A e B do Benfica, tendo ao centro os patinadores do Lisgás



ATITUDES, GESTOS ●●● ●●● & BOAS MANEIRAS

O terceiro com que encimamos este artigo constitui um dos fulcros em que assenta aquilo a que se resolveu chamar — educação cívica. Esta, por sua vez, é um dos pilares da educação desportiva.

Quere isto dizer que sem correcção de atitudes e sobriedade de gestos, ou sem maneiras educadas, um desportista, quer seja dirigente, praticante ou assistente, não pode revelar princípios de civilidade, pelo menos aquela exigida a todo o indivíduo que anda neste mundo sabendo o que faz e o que diz.

Isto vem a propósito de dois casos ocorridos numa das últimas semanas.

Historietas:

O encontro Vasco da Gama Carnide, para disputa do título máximo de basket-ball, chamou ao campo do Fluvial elevado número de simpatizantes e deu lugar a certas ordens sobre ocupação de lugares reservados, que não motivaram conflitos em face da serenidade e compostura reveladas por parte dos representantes dos jornais.

Um dos jornalistas, por sinal o primeiro a chegar, foi impedido de tomar o seu lugar, porque, garantia um director da Associação portuense da modalidade, a Federação respectiva tinha enviado aos jornais cartões especiais — cartões amarelos —, sem os quais as entradas eram impossíveis. Tentou-se refutar essa afirmação com delicadeza, mas o jornalista foi combatido rudemente. Ao justificar que a sua presença ali era de ordem profissional, indicou-se-lhe o cercado do terreno para trabalhar. Naturalmente, esse jornalista não se convenceu e procurou avistar-se com um colega, elemento de destaque na modalidade, a quem expôs o facto. Verificada a «ausência» dos tão reclamados cartões, a ordem veio — não sabemos se arrancada, se concedida — para que um jornalista por cada periódico pudesse tomar assento nesses lugares. Mas o que não chegou foi o pedido de desculpa para tão extemporâneo gesto, para tão discutível atitude, para tanta ausência de boas maneiras.

Isto foi assim mesmo — porque foi passado comódo.

O nosso modo de pensar e de proceder não nos permite andar a bajular este ou aquele. Exigimos o respeito que merece quem faz pelo desporto tudo quanto pode, respeito esse de que são merecedores os jornalistas, porque aos jornais devem as modalidades — e o basket — principalmente — aquilo que são hoje. Ingratidões, não as suportamos de ninguém.

Esta é uma das razões por que pretendemos que os cartões de livre-trânsito da Imprensa sejam concedidos pelas federações respectivas, no começo das épocas, e não nos jogos principais. Enquanto tal se não fizer, estes desentendimentos entre jornalistas e dirigentes não-de-dar-se.

Um outro caso sintomático da falta de conhecimentos, de preparação — e do hábito de mal dizer:

No estádio do Lima, os ciclistas que no país visinho foram objecto das mais estrondosas manifestações de simpatia, que muito os orgulharam como portugueses, foram alvo de vários assobios, por parte de certos espectadores.

Eduardo Lopes não escondeu a sua mágoa, ao estabelecer um contraste entre o que estava sucedendo ali e a maneira como tinha sido recebido lá fora. Dizia o popular corredor não ter culpa de lhe oporem adversárias sem pernas para se baterem com elle. É o caso...

No entanto, Eduardo Lopes, com a sua larga experiência, deve ser superior a estas manifestações de incompetentes — e dar-lhes a resposta na pista, batendo os seus contendores. E põha os olhos no júri, no Gil Moreira, que imperturbável, esfingico, continuou a dirigir a corrida com todo o seu saber, sem se incomodar com manifestações...

Para elle, para nós todos, tantas vezes pioneiros incompreendidos da luta por um desporto melhor, deve restar-nos, apesar de tudo, esta satisfação: a de termos cumprido o nosso

Stadium

na Capital do Noite

O atletismo portuense

pode confiar na classe prometedora dos seus jovens praticantes!

A-propósito dos regionais de estreantes e principiantes

DEIXÉMO-NOS de lamentações e encaremos os factos tal qual se nos apresentam: o atletismo portuense atravessa uma crise grave — é certo (mais da parte dirigente, do que da praticante), mas verdade é, também, que pode confiar abertamente num próspero futuro, pois regista-se desde já a existência de um «grupo» de jovens atletas de quem muito há a esperar. E se a presente época decorre de maneira pouco agradável, não esqueçamos, por outro lado, não só a existência desse «grupo» promissor, como também o reaparecimento da equipa do popular Salgueiros — facto que parece ter passado despercebido aos técnicos de «ocasião», que aparecem sempre nas horas más, a badalar lugubrememente...

Se os campeonatos tarde começaram e se os resultados técnicos nem sempre estiverem á altura da posição que os portuenses occupam no atletismo nacional, os factos agradáveis acima apontados, são, por si só, suficientes para evitar o descalabro total da modalidade na nossa terra.

Deixemo-nos portanto de lamúrias e preparemos ambiente nosso para a próxima época, chamando ao primeiro plano novos dirigentes — e dirigentes novos — capazes de produzirem trabalho útil á «camada» de jovens atletas de que o atletismo portuense — felizmente! — pode dispôr.

Os regionais de «estreantes» e «principiantes» constituíram índice seguro das afirmações que atrás fazemos. Gente nova, com qualidades: Romero, Morato, Macieira, Sebastião Pereira, José Guilherme, Bernardino Marques, Póvoas, Pires, Nuno Faria, António Bernardo Silva, Elisio, Artur Teixeira da Silva, Costa e Almeida, José Louza, Mário Ferreira, Casimiro e Lopes — estes, em evidência para já, mas outros mais prometem progredir. Parece-me, mesmo, que poucas têm sido as épocas em que o atletismo portuense dispôs de numeroso e valioso «lotes» de tão jovens promessas. Há que aproveitá-las, e dar tempo ao tempo, porque um campeão de atletismo não se «prepara» de uma época para a outra... E deixemos «falar de ouvido» os inconscientes e os pessimistas...

Desde que se comece a trabalhar com tempo — e na próxima época deve registrar-se a presença de mais três clubes com tradições no nosso atletismo: Vilanovense, Sport Club e Gaia — teremos, sem dúvida, a registrar o ressurgimento do atletismo portuense.

As organizações dos regionais — estreantes e principiantes — foram, dentro do ambiente de trabalho de que o nosso meio dispõe no momento, modelares. Não satisfizeram, é certo, mas muito trabalharam aquéles a quem o amor á «causa» os levou a aceitar o espinhoso cargo para que foram convidados á última hora.

Das equipas concorrentes destacaram-se o F. C. Porto e o Académico de Braga, vencedores, respectivamente, dos «principiantes» e «estreantes», mas as restantes merecem também aplausos, sobretudo a do Salgueiros,

dever, dentro do que sabemos — e da mais intelligente imparcialidade.

O resto é massa anónima, sem expressão, que pode conter tudo no seu seio, menos o que falha quasi sempre: correcção desportiva!

MÁRIO AFONSO

que esta época pode sentir-se satisfeito e compensado do útil trabalho desenvolvido. Falando dos atletas, referir-nos-emos, em primeiro lugar, a Fernando Soares Póvoas, de condições excepcionais para a velocidade prolongada: Trata-se de um atleta que joga também o futebol — e por isso não progride tanto quanto era licito esperar-se. Depois de uma temporada futebolística esgotante, Soares Póvoas appareceu no atletismo sem preparação e a servir-se, na corrida, unicamente das suas qualidades naturais. E é pena, francamente, que seja o futebol a prejudicar um atleta tão esperançoso, que também é — diga-se de passagem — um jogador de futuro. Técnica, Soares Póvoas necessitava de muito trabalho. Corre de braços caídos, em estilo feio e prejudicial. O seu trabalho de braços precisava de uma época de estudo. Parte lento quasi sempre, contrai-se quando torna o andamento mais veloz e inclina o tronco demasiadamente á frente. Não receio afirmar que Póvoas seria o melhor corredor português de todos os tempos, em velocidade prolongada, se abandonasse por completo outros desportos e se se dedicasse ao treino atura-

(Conclue na pág. 15)

SEARA ALHEIA...

TALVEZ seja tomado por arrojado o que vamos dizer, pois metemos a foice em seara alheia.

Mas não podemos deixar de abordar certos casos presenciados nos últimos campeonatos regionais de atletismo que se disputaram nesta cidade.

O nosso espirito de observação — que não se curva senão ao interesse geral — verifiquei que da parte de alguns praticantes e dirigentes não havia, por um lado, o cuidado preciso para a apresentação dos atletas e, por outro, também não existia atenção necessaria para o doseamento do esforço de certos praticantes.

Assim, vimos praticantes insufficientemente equipados, em tempo frio, para o «compasso» de espera de prova a prova, e assistimos á presença de elementos numa corrida depois de acabarem de disputar outra competição que lhes exigiu a applicação de grande energia.

Talvez que, neste capitulo, não esteja o erro só do lado do dirigente, porque os novos atletas, com desejo de obterem «performances» assinaladas, pretendem fazer tudo: correr, saltar e lançar — sem se especializarem afinal em determinada prova. Mas onde há certamente erro é na permissão dada para esse aglomerar de competições.

Um atleta difficilmente poderá ser tudo ao mesmo tempo. Compete aos orientadores evitar esse desejo de «assambramentos» por parte dos seus representantes. O dirigente, ou o treinador, deve velar pela saúde dos seus instruidos. E compete-lhe escolher, determinar, tendo por base os resultados e outras condições dos seus atletas, quais as provas em que os mesmos devem especializar-se. E tem sobretudo de combater o «enciclopedismo» dos que começam, por se tratar de noção muito errada.

Notamos estes factos. Por isso aqui os apontamos, mais como indicação que como conselho.

FLOREANO BASTO

COISAS DO "BOXING"

e coisas da sua eminente Federação

TEMOS por norma prestar a melhor atenção a todos os assuntos que se nos apresentam — e muito principalmente quando, como aquillo de que vamos tratar, se referem a qualquer faceta «brilhante» da mentalidade dos «magnates» do desporto.

Os nossos leitores conhecem a carta que publicamos há duas semanas e que recebemos da eminente direcção da Federação Portuguesa de Box. O officio, a que não faltam numero de registo e referenda de datilographo, tradus com eloquencia o que valem intelligencias fortes e apuradas educações... Certamente por influencia de qualquer calculo biliar que alterou o funcionamento normal dessa preciosa viscera que é o fígado — o fraco de muita gente que anda pelos bastidores e cenários do «box»... — os senhores directores da referida Federação demonstraram, sem reservas, desconhecer os preceitos da correcção inerente aos desportistas; não terem a serenidade necessaria para evitar que tomassem uma passageira nuvem por Juno; não comprehendem o que têm; não sabem ser comedidos; e prestarem-se a cair no ridiculo — a que aliás a opinião pública os votou de muito, tantas são as «cenças» que a sua actividade tem cometido no meio do «boxing».

Nesta casa, disemo-lo com muito orgulho, não se defendem facções nem se ataca por sistema. Acolhemos todos com a mesma isenção e não sentimos inclinações por A ou B. A nossa revista pode ser muito modesta mas é de todos e para todos — sem a menor excepção.

A prova de que assim é está na publicação da referida carta, a pesar de a Lei da Imprensa não nos obrigar, taxativamente, à sua inserção integral, pois não obedece, por ignorancia ou falta de educação de quem a fez, aos requisitos impostos pela referida Lei. O «legítimo direito» alegado só existia, em boa hermeneutica, no nosso desejo de imparcialidade. E já que estamos dispostos a perder tempo — e espaço, que tanta falta nos faz... — queiram os eminentes directores da Federação de Box ler com atenção e comprehender o que se escreveu nestas columnas — e consultar depois a invocada Lei. Reconhecerão que a nossa boa vontade foi tanta que nem mandamos receber ao seu tesoureiro o valor correspondente a 26 linhas de «publicidade redigida» que a Federação publicou em «Stadium» por obra e graça da sua notável carta... (v. § 3.º do art. 53.º do dec. n.º 12.008 de 26/7/1926).

Posto isto, vejamos: No nosso numero de 7 de Julho ultimo escreveu-se: «... Mas como — se nem sequer os campeonatos regionais a Federação promove?...» Relêvam os senhores directores? Escreveu-se promove... Ora promover significa, segundo os bons dicionaristas (os senhores directores não desejarão contestá-los...) simplesmente isto: dar impulso a; fazer que se execute; que se ponha em pratica alguma coisa; trabalhar a favor de; diligenciar.

Pois era precisamente diligenciar que nós estimariamos que a Federação fizesse... Ou, se preferem, que desse impulso a...

Na sua tão pouco equilibrada carta os senhores da F. P. B. informam de que a organização dos campeonatos regionais é da competencia das Associações. Pois claro... Todos nós — toda a gente, afinal... — sabe tão elemental coisa. Reside no A B C da organica desportiva. Por isso mesmo não se falou em «organizar». Falou-se, sim, em promover. Os senhores directores não atingiram, isto é, não comprehendiam! Paciência. Proavam que também elles têm algo de «aprendizes» — pelo menos de portugueses... E disemos assim porque aceitamos que em «box» sejam mestres...

Mais abaixo, na já célebre nota que tanto melindrou a direcção da F. P. B., dizia-se: «Castiga, realmente, organizadores, «managers» e pugilistas — porque só o campo profissional lhe interessa». Neste ponto os senhores directores não contestam a veracidade da afirmação, antes a confirmam, embora com certo rodeio, ao garantir que o fazem «para manter a disciplina». Mas os senhores federativos tentaram ser habilidosos e passaram em branco

sobre o seguimento do comentário, que lhe está directamente ligado: «E então os amadores? Pois por aí é que devia principiar a sua função». Calaram prudentemente este pormenor, pois sentem que não têm cumprido com equilibrio tudo quanto constitue objecto da sua actividade. E em esparneamento inútil resolveram entrar no caminho da incorrecção, escrevendo, com bofes de panfletarios, este bocadinho de oiro — reflexo de educação e mentalidade reduzidas: «Mas quem escreve (sic) sem bases, em qualquer jornal, um acervo de asneiras, não merece castigo? E quem castiga o jornalista?»

Colossal!... Escalpelizemos...

Os senhores fed-rativos quiseram mostrar-se eruditos — e tropeçaram. Felizmente que para nos fornecer, logo na entrada do periodo, uma prova da sua imensa cultura... É que aquelle sic... Mas nós explicamos aos senhores directores: dizem os mestres que, ao transcrever-se um trecho desconhecido, e para tornar sensível o disparate, de qualquer natureza que elle seja, intercalamos-lhe ou juntamos-lhe sic. Ora os senhores directores, que nada tinham então a transcrever, escreveram — mas sentiram logo que entravam no disparate... E vá de meter o sic... Cada qual sabe de si. Nada temos com isso — mas podemos dar-lhes um conselho desinteressado: percam um pouco de tempo com utilidade e leiam, por exemplo, Cândido de Figueiredo. Estas coisas aprendem-se facilmente com o grande mestre. Basta um pouco de esperteza.

A carta dos illustrados federativos fala em «acervo de asneiras». O bom julgador por si julga... Mas asneiras porque? Compreendemos: porque duas verdades beliscaram a epiderme dos senhores directores!

Quem castiga o jornalista? Castigamo-nos a nós próprios — e o leitor é sempre o juiz nesta causa, ao examinar o «acervo» de distantes que temos de suportar, de quando em vez, a uns senhores melindrosos, que não sabem o que querem nem para onde vão... Senhores directores: não atirem pedras...

Mas isto já vai longo de mais. Os senhores da Federação de Box são soberbamente conhecidos do publico. E quanto nos basta. Possivelmente estão habituados à complacencia de certos sectores da critica. Em Stadium não acontece assim, embora tratemos todos os assuntos com a maior imparcialidade e inalteravel correcção — mera questão de principios, afinal. Mas não curvamos a cerviz perante ninguém!

Nem perante os senhores da Federação de Box, apesar das suas exigencias ou ameaças e da gratidão posta no ultimo paragrafo da sua notável produção. E isto tratando-se de «aprendizes» que ousam defrontar os «catedráticos» do pugilismo — mestres com provas prestadas no «ring» de São João da Praça... Perdoai-lhes, Senhor! Nemo dat quod non habet...

«STADIUM» NO PORTO

Notas... sem valor

FALHOU a ideia da Comissão da A. P. A. l Nas três organizações, o éxito financeiro não correspondeu ao seu «desejo». Pouca vontade da gente do atletismo...

— Muito tarde, com bastante prejuizo para os clubes, as competições regionais — especialmente, a última. Um clube, por exemplo, o Académico, teve na pista do Lima apenas três atletas — Gérard d'Alexandry, Costa e Almeida e José Pinha Louisa... Em regime de férias escolares, portanto ausentes do Porto, o conjunto do Lima foi «manco» — não estava à altura de representar condignamente o valor da sua agremiação, que ao atletismo regional e nacional tem dado o seu desinteressado concurso.

— O caso de Gomes dos Santos, muito «explorado» nos «mentideros» do desporto, ficou já arrumado, com «honra» para a fami-

O torneio de "water-polo"

organizado pela Federação de Natação com o patrocínio da «Stadium»

A ideia está de pé. A realização de um torneio de «water-polo» inter-clubes no próximo mês de Setembro — é coisa assente.

Há realmente que fazer ressurgir a modalidade. O «water-polo» estava, sem razão, completamente abandonado. Por diversas vezes tocámos o assunto — discordando sempre. E este ano, no dealbar da época natatória, como estava naturalmente indicado, de novo pusemos o dedo na ferida. Fizemo-lo, porém, em hora feliz. Não bradámos no deserto. Pelo contrario: a direcção da Federação Portuguesa de Natação — que, diga-se de passagem, desenvolve há anos uma obra e uma acção dignas do maior apreço — veio deliberadamente ao encontro das ideias aqui expostas e resolveu dar-lhes realização pratica.

Assim, elaborou o regulamento para um torneio de «water-polo», regulamento este que publicaremos no próximo numero.

As condições são já, de maneira geral, do conhecimento dos nossos leitores.

Todavia, nunca é demais chamar a atenção para diversos pontos. Um deles é o alargamento do torneio a todo o país. Longe de se pretender circunscrevê-lo apenas a Lisboa, deram-se possibilidades à provincia de também tentar o ressurgimento da modalidade, não se devendo esquecer, no entanto, que já houve pelo país «teams» de «water-polo» de apreciavel valor. É tudo questão de trabalho.

No que diz respeito a Coimbra — o segundo centro natatório do país — as informações colhidas são absolutamente animadoras. E como sabemos bem qual o espirito dos dirigentes combricenses, tudo indica que a iniciativa vai realmente por diante.

Outro ponto — e esse bastante agradável para os futuros jogadores — é o dos prémios, pois além da taça «Stadium», primeiro galardão do torneio lisboeta, oferecida pela nossa revista, a Federação põe em disputa, por seu turno, taças e medalhas, valorizando assim o torneio.

Já temos o regulamento em nosso poder. Tudo está previsto. Através dos seus paragrafos perpassa, bem clara, a ideia construtiva que anima os dirigentes federativos — que foi, aliás, a que nos animou também.

Os nossos leitores terão occasião de o verificar no próximo numero da «Stadium», no qual publicaremos o referido regulamento na integra.

lia do «basket-ball»... Ficou sufficientemente esclarecida a duvida da carta do Nautico.

— O «Galitos da Foz» sempre na vanguarda das organizações natatórias, organizou já o seu programa da época, com a colaboração do nosso colega portuense «Jornal de Noticias». Para abertura, a «Meia Milha», na Foz do Douro, com a «malta» do Beira-Mar.

— O «Infante de Sagres» foi pouco afortunado na sua visita à capital — perdeu os dois jogos. Contava com o «cheque»... A saída de Andrade e Polónia, já conhecida, matou a equipa. Perdeu em Lisboa — mas impôs a sua conduta directiva...

— Movimenta-se o ténis com as diferentes organizações inter-clubes. O torneio da «Escada de 1943» no Académico, é um sintoma bastante agradável. Jogos bem disputados e boa camaradagem desportiva. Há ali, positivamente, uma «cabeça» a orientar a acção em todos os pontos de vista. Os «courts» do Lima, bem tratados, têm agora outra feição desportiva.

— O «Portuense de Desporto» comemorou mais um aniversario com uma festa muito simpática, entre a sua «gente». Trabalha pelo desporto, com vontade. Parabéns.

— O médio-centro do F. C. do Porto, António Nunes, voltou ao convívio dos «mentideros» da bola. Muitas perguntas... O Porto? Estoril-Praia?

— Surgiu certa dificuldade de ordem interna num clube da 1.ª Divisão, com a saída de um praticante — esteo da equipa do clube...

ATLETISMO
 2ª
Jornada
 DOS REGIONAIS
 DE SENIORES



Núncio, do Sporting, vence nos 200 metros

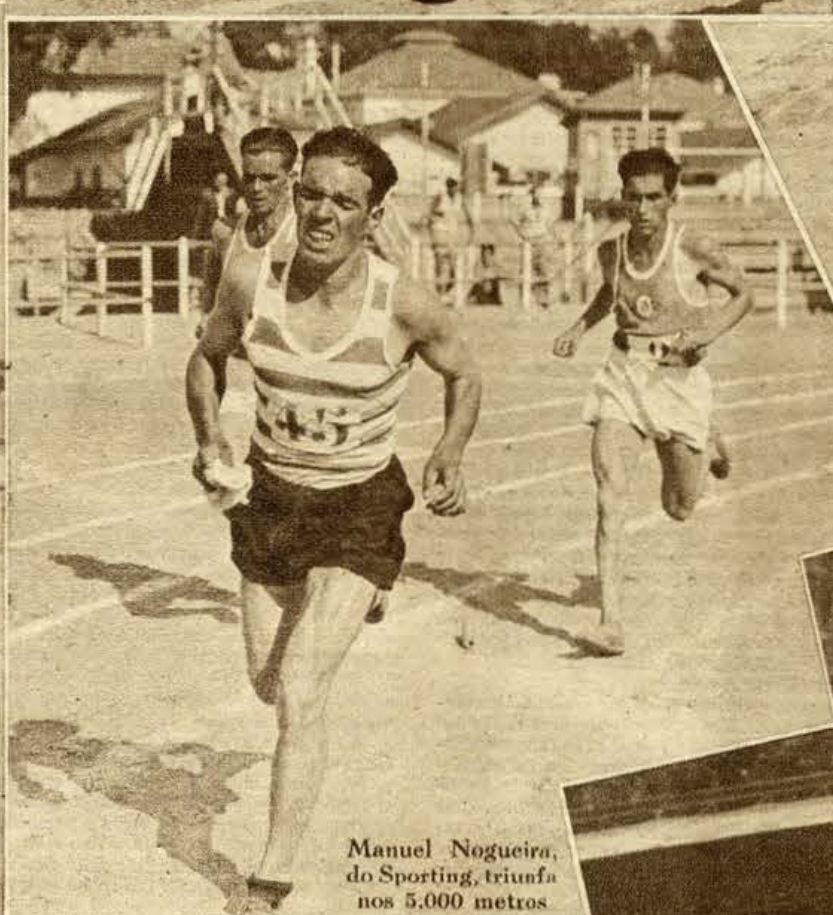
(foto Nunes Almeida)



CICLISMO na pista do Lumiar
 Aspectos das provas de Domingo



Natália Gomes, do Be-nenses, que conquistou a vitória nos saltos em comprimento



Manuel Nogueira, do Sporting, triunfa nos 5.000 metros



Karl Mayer, do Benfica, campeão de Lisboa do lançamento do peso



O programa do festival de domingo na pista d. Lumiar foi quasi todo preenchido com corridas à americana, tanto do gosto do público. As nossas fotos mostram vários "sprints" e aspectos da prova de "duas horas"



A valorosa equipa de atletas do Benfica, vencedora dos campeonatos regionais de seniores



A TLETISMO

Na segunda jornada dos "Regionais"

O BENFICA e o SPORTING fizeram «match» nulo mas os encarnados foram superiores em primeiros

Comentários por SALAZAR CARREIRA

A segunda jornada dos campeonatos regionais de atletismo deu em resultado pontuação equilibrada entre os dois únicos clubes concorrentes gerais (Sporting e Benfica, visto além destes só terem aparecido na pista o Atlético e o Belenenses nas corridas de meio fundo e fundo), mas isso não impediu que continuasse a afirmar-se a considerável superioridade do forte núcleo encarnado.

O interesse das provas foi escasso e não conseguiu animar a assistência, que apenas ardeu (e com toda a razão) durante os 5.000 metros, semeados de irregularidades, que foram a segunda edição aperfeiçoada do que apontaramos há oito dias relativamente aos dez quilómetros, e contra o qual o júri fôra de uma benevolência desautorizante.

A concorrência de atletas voltou a ser porbriíssima; veja-se pela lista seguinte: 3 homens no martelo, 4 nos 200 m., nas barreiras e na altura, 5 no péso, 5 no comprimento, 2 equipas na estafeta e 14 nos 800 e nos 5.000 metros; totalidade de participantes nas duas jornadas 68, número inferior ao registado em todos os campeonatos semelhantes desde a temporada de 1935.

Excluída a lamentável tolerância nos 5.000 metros, a organização não ofereceu motivo para reparos; tudo decorreu com seqüência, regularidade e preceito legal e o público não teve fundamento nos seus protestos, porque o mal não era dos organizadores, mas sim das próprias competições sem interesse.

Meia dúzia de palavras sobre os incidentes da légua, cujo julgamento pertence às entidades superiores competentes e nenhuma vantagem se vislumbra em comentá-los pormenorizados; digamos apenas que incidentes semelhantes não podem passar-se em pistas e o corredor Felipe Luis merece severo castigo, mas não foi ele o único culpado e a sua vítima final já antes cometera irregularidades que provocaram a indiscutível e muito mais grave reacção do «atlético». Fervilharam cotoveladas mútuas, passagens pelo interior que o regulamento não autoriza; voltaram a verificar-se as esperas pelos amigos e o júri árbitro não viu nada e nada castigou.

Oxalá tenha chegado a hora da disciplina para todos os culpados, incluindo aqueles espectadores que exorbitaram e muitos outros que inculparam quem na pista se limitara a lutar desportivamente à margem de todos os incidentes. Também semelhante ambiente não deve desenvolver-se nas competições de atletismo.

Os campeões de 1943

Concluíram as provas individuais dos campeonatos de Lisboa, que apenas reservaram para o domingo próximo três estafetas.

Os 17 títulos foram distribuídos: onze para o Benfica, cinco para o Sporting e 1 para o Belenenses. A média das marcas é fraca, pois apenas seis campeões ultrapassaram a equivalência dos 700 pontos finlandeses; a má qualidade do terreno, o calor exagerado, são insuficiências a considerar.

Essa meia dúzia de homens que brilharam «a grande altura», para me servir de uma frase em moda para todas as estrelas cadentes, foram, por ordem decrescente de valor, Fernando Lourenço, Fernando Ferreira, duas vezes Matos Fernandes, o alemão Mayer e Bustoferri Ferro.

Deixaram-me ainda muito boa impressão os novos João Silva, Manuel Gonçalves (aurologo-lhe melhor futuro do que ao companheiro) Luis Alcide, António Santos, Alvaro Dias, João Mendonça, Manuel Nuncio e José Luis da Silva; para ser completo o rol acrescentemos o sempre jovem Martins Vieira, Emídio Ruivo, João Jacinto, Manuel Nogueira Manuel da Silva e António Rodrigues, vete-

ranos que se defendem com brio e podem ainda progredir a par dos primeiros.

Fernando Lourenço é um corredor de velocidade a cujo merecimento já prestei justiça, como a Fernando Ferreira e Matos Fernandes, trempe dos melhores ases do atletismo português. Há mais de um ano que eu disse ser Ferreira o único atleta susceptível de atacar com probabilidades de êxito o «record» das barreiras; na sua boa forma actual está quasi, quasi a dar-me razão.

Matos Fernandes, a quem há uma semana considerei susceptível de derrubar o mínimo nacional dos 400 metros, pareceu-me no domingo capaz de melhorar o «record» da altura se resumir a sua especialização. Talvez valha a pena teniar cada prova em sua época.

Bustoferri Ferro teve estrela auspiciosa e colheu os merecidos frutos do seu trabalho metódico e do seu estudo metucioso. A circunducção do martelo é excelente e o equilíbrio durante todo o exercício perfeito (o grande mal de Manuel da Silva) mas o movimento das pernas está ainda susceptível de correcção. A sua marca de 39^m,68 é o segundo resultado português, assim como os 37^m,64 de Manuel da Silva ficam sendo o terceiro.

Dos restantes resultados destes campeonatos arquivam-se no quadro de honra das melhores marcas nacionais os seguintes: 10,9 s. de F. Lourenço nos 100 metros (este corredor foi já creditado em 10,8 s., 3.º resultado nacional); 51,8 s. de Matos Fernandes nos 400 metros (3.º resultado); 15,8 s. de Ferreira nas barreiras (2.º resultado); 3^m,30 de António Santos no salto à vara (8.º resultado); 49^m,43 com o dardo, por António Rodrigues (5.º resultado).

Não cito as marcas de Matos Fernandes em altura, dos saltadores de vara e de Ruivo porque os mesmos atletas possuem melhor «records» pessoal.

As provas desta jornada

A corrida mais emocionante da tarde foi a dos duzentos metros, pela luta feroz travada nos cem metros finais entre Nuncio e Eleutério; o primeiro pariu tão mal, tão mal, que aos oitenta metros tinha perdido a diferença de pistas, que era de cinco metros e meio, mas quando viu o adversário à ilharga apogou-se-lhe com desesperada energia, fez toda a curva pelo exterior sem perder terreno e na recta final começou a recuperar o ligeiro atraso. A dez metros do final iam os dois quasi a par, com Evaristo muito perto, em brilhante embalagem, mas Eleutério, antes de alcançado, cedeu esgotado e caiu inanimado no solo. O tempo, bastante modesto, ressentiu-se da sua pista e do mau início de corrida do vencedor.

Nos 800 metros assistimos a uma vitória de Matos Fernandes, que trocou esta prova pelos 400 metros barreiras, mas João Jacinto deu réplica valorosa e, para estrear na distância, mostrou bons recursos para futuro.

Dos 5.000 metros queremos apenas reter a corajosa decisão de Nogueira, tomando o comando desde a partida e a teimosa perseguição de Gonçalves, que na última volta beneficiou da ajuda irregular de Armando Pereira, que ostensivamente esperou por ele, ante a indiferença dos juizes e directores do terreno.

Uma nota a reter no salto em comprimento foi a enorme percentagem de tentativas goradas: Luis Alcide não conseguiu validar um salto e Mota Capitão, para passar à final, deu um salto sem corrida; João Mendonça, o melhor saltador da tarde, só contou o seu pior salto — e Manuel Oliveira acabou a prova ao primeiro ensaio.

Os lançadores de péso e martelo conseguiram melhores médias do que é habitual.

SEM VENTO...

não pode navegar-se à vela

Foi isso que sucedeu na última regata da taça «Wintermantel»

A quinta edição da regata oceânica para disputa da taça «Wintermantel» foi desoladora, no aspecto desportivo. ¿Culpa de quem? Nunca dos velejadores, mas sim da calmaria que tem feito nestes últimos dias... E o tempo bonançoso é o pior que pode suceder na prática dos desportos nauticos.

Que pena nos fez ver o desespero dos velejadores, quando se aperceberam de que eram inúteis todos os esforços!

É verdade que alguns barcos — nove, apenas, dos vinte e tantos que largaram de Paço de Arcos — conseguiram entrar a barra do Sado e fundear. Mas, para isso, tiveram de servir-se de reboques e de pôr os motores (aquêles que os tinham!) em movimento... A vela é que nenhum podia ir — porque não havia vento e estava-se, nessa altura, na hora da vasante, que impelia as embarcações para trás, sempre para o mar.

A princípio ainda houve um pouco de vento fresco. Mas só até à barra do Tejo, pois logo que se passou o Bugio o vento amainou — e então veio a bonança, a terrível «epidemia» que tanto afligiu os patrões dos barcos. Já no Bugio haviam ficado alguns dos fates de menos poder e «pano», apercebidas, dos seus tripulantes, as dificuldades de navegação. E outros que tinham conseguido «fazer-se» ao largo — voltaram para trás.

A Setúbal chegaram apenas os seguintes: «Marilins», «Venus», «Xirão» (que bem que este ia — e talvez ganhasse, se não fossem as contrariedades que lhe surgiram ao largo de Albarquel, já próximo do Sado!); a canoia «Fatinitza»; e ainda o «Tuppy», o «The Whites», o «Senhora da Arrábida», o «Beau Geste» e o «Sharke».

Mas passara lá muito a hora estabelecida para a chegada — e o júri não pôde classificá-los, mesmo porque os iates que aportaram a Setúbal levavam reboque, uns, e os motores a trabalhar, outros! Vento — não havia nenhum! Nem «sombra» de brisa — ou, melhor, muita sombra e pouca brisa...

E aqui está como uma regata — que podia ter sido boa, devido ao número de participantes: «records» em competições do género! — foi como se não se tivesse feito...

Um «sonho» de um dia de canícula!!!

P. M.

ANTÓNIO BOTTO

O nosso prezado colega «Os Sports» teve a gentileza de transcrever, na íntegra, no seu número 2840, de 2 do corrente, a poesia *Cantiga da rua deserta*, do nosso antigo colaborador e distinto poeta António Botto, já publicada, então como inédita, no n.º 476-1 série, da «Stadium», de 11 de Junho de 1941.

UMA FESTA DO GRUPO DESPORTIVO DA CASA J. C. ALVAREZ

O Grupo Desportivo da Casa J. C. Alvarez, de Lisboa, organizou no pretérito domingo uma festa, na quinta dos Ulmeiros, ao Lumiar, que contou de «pic-nics», «gimkhanas» e variedades por alguns artistas do teatro e da rádio. Agradecemos a amabilidade do convite.

Nos campeonatos femininos destacaram-se duas concorrentes: Olga Ribeiro e Ester Ramos, a primeira com progressos notáveis de corredora, que concretizou na conquista do «record» das barreiras, a segunda com o seu inconfundível estilo de lançadora do disco. Ambas podem, nos próximos nacionais, melhorar os seus «records».

No lote das competidoras destaquemos ainda a casapiãna Jorgeite, a habilidosa belenense Maria Sousa e as lançadoras Judite Rodrigues e Almerinda Correira.

A-pesar-de privado das suas antigas campees de saltos, o Sporting será mais uma vez o provável vencedor do campeonato.

Rogério Miguéls

O BENFICA e o FUTEBOL BENFICA são campeões de Portugal

COM a disputa dos campeonatos nacionais de «hockey» e de corridas, em patins, está virtualmente concluída a época dos desportos do «stick», que foi particularmente brilhante.

Nas organizações oficiais de primeiro plano, registaram-se vitórias globais das colectividades seguintes:

Campeonatos de Portugal — de «hockey» em patins, Futebol Benfica; de corridas, Benfica.

Campeonatos de Lisboa — de «hockey» em patins, Paço de Arcos; de corridas, Benfica; de «hockey» em campo, Futebol Benfica.

Campeonatos do Porto — de «hockey» em patins, Infante de Sagres; de corridas Académico; de «hockey» em campo, Ramaldense.

Taça de Honra — em Lisboa, Paço de Arcos; no Porto, Infante de Sagres.

No balanço geral da temporada, verifica-se, por consequência, ter havido quatro clubes com repetição de triunfos: Futebol Benfica (3), Benfica, Infante de Sagres e Paço de Arcos (2). E nas quatro provas regionais o número de vencedores foi absolutamente igual: Académico, Infante de Sagres (2) e Ramaldense, no Porto; Benfica, Futebol Benfica e Paço de Arcos (2) em Lisboa.

As últimas competições da época (é bom registarem-se nomes e marcas) forneceram indicações seguras no respeitante ao valor dos concorrentes. E, assim, nos campeonatos nacionais de corridas, o Benfica somou 105 pontos, contra 22 do Lisgás, seu único adversário, tendo triunfado em todas as provas. Bateram-se cinco «records» e igualaram-se dois.

Rogério Miguéls — vencedor absoluto do torneio, pois ganhou todas as corridas individuais e participou (com Rui Montargil e o «veterano» Leonel Costa, um homem que vai abandonar a actividade!) nas vitórias das provas por equipas — foi realmente a figura n.º 1 dos campeonatos, estabelecendo um «record» que é o maior orgulho do atleta. E, portanto, campeão absoluto — e «recordman», também — de todas as nove provas...

Apontem-se os resultados, que foram:

- 500 metros — Rogério Miguéls, 40 s. 40/10.
- 1.000 metros — Rogério Miguéls, 1 m. 6 s. 17/10.
- 1.500 metros — Rogério Miguéls, 2 m. 14 s. 9/10.
- 2.000 metros — Rogério Miguéls, 3 m. 55 s. 2/10.
- 3.000 metros — Rogério Miguéls, 4 m. 42 s. 6/10.
- 5.000 metros — Rogério Miguéls, Leonel Costa e Rui Montargil, 7 m. 19 s. 1/10.
- 3x500 metros — Rogério Miguéls, Leonel Costa e Rui Montargil, 3 m. 19 s. 2/10.
- 3x1.000 metros — Rogério Miguéls, Leonel Costa e Rui Montargil, 6 m. 48 s. 1/10.

«Americana» de 25 minutos — Rogério Miguéls, Leonel Costa, e Rui Montargil, 6 6/5 minutos.

Os «tempos» dos 300, 500, 3.000, 3x500 e 3x1.000 metros são novos «records». A «marca» da «americana» figura o «record» dos mesmos atletas, estabelecido nos campeonatos de Lisboa de 1912. Os restantes «records», são:

- 1.000 metros — Rogério Miguéls, 0 m. 14 s. 2/10.
- 1.500 metros — Rogério Miguéls, 3 m. 25 s. 1/10.
- 5.000 metros — Rogério Miguéls, 11 m. 25 s. 3/10.

Isto quanto à patinagem — onde se notou a ausência do Dramático de Cascais, um clube que tinha obrigação de aparecer, pois na sua equipa figuram três campeões de Lisboa.

No «hockey» em patins, o Futebol Benfica — que perdera «contacto» no torneio da região, cedendo o título ao Paço de Arcos — voltou ao plano de evidência. Ganhou muitíssimo bem e deu uma linda «prenda» a Adrião na hora da despedida... Parabéns aos benfiquistas e ao seu «keeper». Registe-se, com apuramento, a bela estreia do Académico. Os portueses (se o Paço de Arcos, campeão destronado, tem vencido, uma vez que fosse, «s» novos campeões) seriam agora os vencedores da prova, pois no «goal-avara» levaram

Clube de Futebol «OS BELENENSES»

Encontra-se aberta na sede do Belenenses a inscrição para todos os sócios e adeptos do popular clube que desejam dedicar-se à prática do futebol na próxima época.

CICLISMO

Vitória de Lourenço-Inácio na corrida de «2 horas à americana»

Excelente comportamento da equipa Jacinto-Rebello

OSporting e a Iluminante promoveram no domingo, no velódromo do Lumiar, mais um festival de ciclismo, desta vez já com os corredores agrupados em equipas dos seus respectivos clubes. Assim, alinharam os seguintes «duos»: Lourenço-Inácio e Aristides-Bartolomeu, do Sporting; Lopes-Raposo e Jacinto-Rebello, da Iluminante, e José Ferreira-Talho, de Sangalhos.

Disputaram-se ainda uma prova à «americana» de 20 m. reservada a iniciados, outra de 30 m. para amadores e ainda outra de «cráteres», também para esta última categoria.

Não teve este festival a assistir tanto público como o da última organização, mas isso deve-se certamente ao facto de estar um dia de calor insuportável e ainda ao facto de haver ao lado, no campo do Unidos, a penúltima jornada dos campeonatos regionais de atletismo. Todavia, a assistência, numerosa e entusiasta, soube, sobretudo, aplaudir o esforço despendido e o brío da equipa Rebello-Jacinto, sem dívida aos grandes animadores da grande corrida da tarde.

De facto, no domingo, como já havia sucedido no Porto, os corredores de maior responsabilidade — ou sejam aqueles que se não cansam de atribuir ao seu valor classe e popularidade, méritos sem fim, nem corresponderam a tais predicados nem sequer se houveram com o desportivismo que seria digno esperar.

José Martins, incompreensivelmente, mas quanto a nós já premeditadamente, não compareceu na pista sem se lembrar que é um profissional, que recebe dinheiro para correr, às vezes até antes de se exibir e como tal tem compromissos a cumprir para com o público e o seu clube. Alberto Raposo, com mais uma das suas vulgares birras, e isto numa altura em que parecia querer enveredar pelo caminho da boa conduta, também resolveu abandonar a corrida, comprometendo o seu companheiro Lopes, que teve de desistir, isto depois de bater, na primeira embalagem, o campeão leonino, dando assim a ideia de que a disputa dos «sprints» seguidos devia ser um caso falado.

Assim, a luta ficou restrita aos pares Lourenço-Inácio e Rebello-Jacinto, luta que não foi desonrosa para estes, pois terminaram apenas com a diferença de 2 pontos da equipa vencedora, mas que seria bem mais emotivo e teria bastos motivos de agrado se todos os ciclistas soubessem cumprir seus deveres de urbanidade e, digamos mesmo, de respeito pelos clubes onde ganham grande parte dos honorários com que vivem.

A Iluminante venceu em iniciados

Reñiu 5 equipas a prova à «americana» para iniciados. Estavam representados o Sporting, com duas equipas, a Iluminante, Alunos de Apolo e os Combatentes, cada um com sua.

Ganhou o primeiro «sprint» por Augusto Leandro, da Iluminante, os três últimos conquistou-os o Sporting, por intermédio de José Ferias.

Resultados: 1.º António e Augusto Lean-

a melhor: 5-4 ao Futebol Benfica e 13-11 ao Paço de Arcos.

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Futebol Benfica	6	5	—	1	24-14	16
Académico	6	4	—	2	25-17	21
Paço de Arcos	6	3	—	3	35-20	12
Infante de Sagres	6	—	6	6	19-45	6

Como se vê, o «tiro» da frente portou-se bem, repartindo os títulos entre si mas com vantagem dos novos campeões. O Infante de Sagres, com dois homens (Polónia e Andrade) castigados pela direcção do clube, por actos de indisciplina, e com outro (A. Soares) doente — deu belo exemplo de desportivismo, comparecendo, quando antecipadamente sabia nada poder fazer...

J. M.

dro, Iluminante, 13 pontos; 2.º José Ferias e Madeira Santos, Sporting A, 12 pontos; 3.º Oliveira Graça e Jorge Carvalheiro, Combatentes.

Para o Sporting as provas de amadores

Ao promotor ciclista Dias Santos coube a honra de vencer o critério de 15 voltas para amadores, batendo o seu companheiro Júlio Mourão, numa prova em que este era favorito.

Resultados: 1.º Dias Santos, 12 pontos; 2.º Júlio Mourão, 6 pontos, ambos dos «leões» e 3.º Ernesto Rodrigues, da Iluminante, 4.º Baptista Alves; 5.º José Jacinto.

Também na «americana» triunfou o Sporting, desta vez em luta com equipas menos duras que as que tinham derrotado há quinze dias. Dessa circunstância souberam tirar bom proveito os «leões» classificando os seus dois agrupamentos nos dois primeiros lugares.

Resultados: 1.º João Lourenço-Júlio Mourão, 45 voltas, 10 pontos; 2.º Dias Santos-Baptista Alves, 9 pontos; 3.º Espadinha-José Jacinto, 2 pontos.

Lourenço-Inácio, primeiros na «americana»

No primeiro «sprint» oficial disputado aos 20 m. Lopes bateu Lourenço e José Ferreira. Depois coube a vez a Jacinto de ganhar um «sprint» particular, mas Lourenço conquistou o primeiro lugar no «2.º «sprint» oficial.

Pouco depois as equipas A do Sporting e B da Iluminante conquistaram uma volta sobre as restantes; a equipa A da Iluminante desistiu.

Lourenço, conquistou o 2.º prémio particular e o 3.º oficial, batendo Lopes; José Ferreira ganhou a 4.ª embalagem obrigatória e João Rebello, uma fuga audaciosa, que lhe permitiu alcançar, com Jacinto, meia volta de avanço, adjudicou para a sua equipa o 5.º «sprint», enquanto Jacinto, o homem da tarde, conseguiu chegar primeiro, nas últimas embalagens.

Ao grande apêgo à luta de Inácio deve em grande parte o Sporting o não ter perdido uma volta e com ela a corrida.

Resultados:

- 1.º Sporting, 186 voltas, 14 pontos; Iluminante B, 185 voltas, 12 pontos, 3.º Sangalhos 184 voltas, 4 pontos; 4.º Sporting B 184 voltas 1 ponto.

GIL MOREIRA

BARREIRA DE SOL

O prato da resistência — Não podemos regatear ao novilhão mexicano Gregório Garcia o mérito de ter despertado a «aficção» portuguesa de um letargo que ameaçava ser fatal. A «empresa» do Campo Pequeno soube aproveitar inteligentemente a «maré», com resultados financeiros por certo muito superiores aos êxitos artísticos.

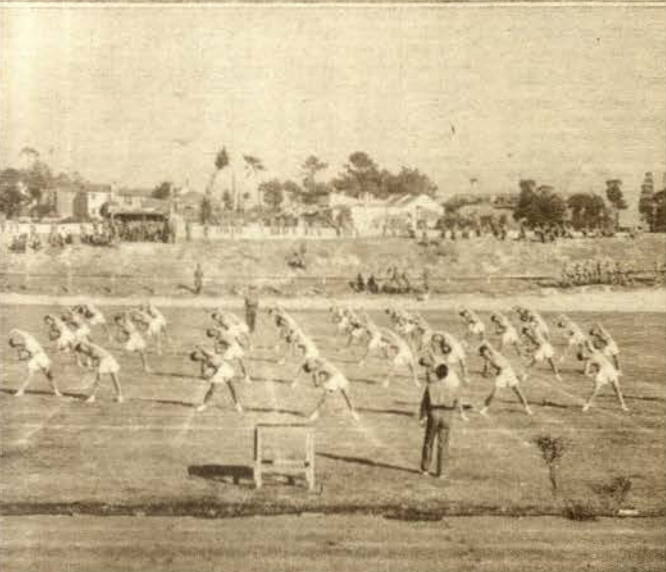
Na quarta-feira 11, tivemos nova exibição do mexicano, em sensacional «mono-manos» com Moreno de Talavera, matador de «alter-ativa» e castilhanos puro, que a pé de valor se tem imposto em Espanha. «Morenil», que já nos visitara como novilhão, não desmentiu a sua fama de toureiro feito, mais valente do que artista, dando ao seu primeiro touro, um dos poucos manejáveis da noite, uma lida animada e completa, se assim se lhe pode chamar dentro do limite de possibilidades dos nossos regulamentos. Cingido com o capote em verdens e «chuecunas», fácil e emocionante com as bandalilhas, realizou com a muleta uma «fiança» repousada e bem ligada, embora sobre a direita, terminando por dominar. No seu segundo esteve inferior e por vezes precipitado, como naquele momento em que pretendia «quibran» um par de bandalilhas em dois pances de terreno, com o touro arrancado a choto.

Gregório Garcia, que bandarilha bem, deu alguns lances de capote e «chuecunas», fácil e emocionante (talvez, vend» crescer de novo a onda de aplausos dos seus incondicionais). Com a muleta continua longe de nos convencer (de nos convencer de que possa chegar um dia a ser alguma coisa neste capitulo). O novilhão Choni, que agradara na sua primeira exibição, esteve menos feliz.

Simão da Velg, bem montado e mais bem vestido, toureou a seu modo, com agrado de uns e ceticismo de outros. Com a sua «lata forada» colocou um par de bandalilhas a touro parado. Citemos ainda a excelente breja do peão português Júlio Procópio e a «vista» com que Gregório Garcia tapou a tempo um gesto menos cortês para com esse nosso simpático compatriota.

J. E.

Stadium na Capital do Norte



A Educação Física no Exército

AO retirarmo-nos do estádio do Lima, após a conclusão das provas desportivas e de ginástica efectuadas pelos novos soldados das unidades desta cidade, trazlamos o pensamento a emparceirar com os que à causa da educação física dos nossos soldados têm dado as melhores provas de dedicação, conhecimento e competência.

O sr. general Gaudêncio Trindade, comandante da 1.ª R. M. — espírito de largos empreendimentos, conhecedor absoluto das necessidades de robustecimento da raça pela educação física e pela prática dos desportos — está de parabéns.

Não se pode — porque seria parcialismo — destacar esta ou aquela prova do programa desportivo; todas foram excelentes, todas foram belas.

Entretanto, pela harmonia do conjunto, pela uniformidade de movimentos, pela beleza do ritmo, as provas de ginástica geral, dirigidas pelo sr. capitão Dário Tamegão, as de ginástica com arma, às ordens do sr. alferes Cruz, e as de ginástica aperfeiçoada e aplicada pelo sr. alferes Délio Tamegão, foram alvo de calorosos aplausos da numerosíssima assistência.

A prova de ginástica aperfeiçoada foi uma prova de resistência, tantas e tão variadas foram as figuras de ginástica desempenhadas pelo conjunto especializado. Nas outras, a massa de homens, composta de gente de todas as origens — desde o homem dos campos, ao trabalhador das oficinas, ao empregado comercial, ao estudante — deslumbrou todos.

Ainda mais: a prova de patrulhas impressionou. Relembremos a forma como fizeram a sua entrada no campo os rapazes que compunham a patrulha vencedora — a de infantaria n.º 6 — sorridentes, alegres, bem dispostos.

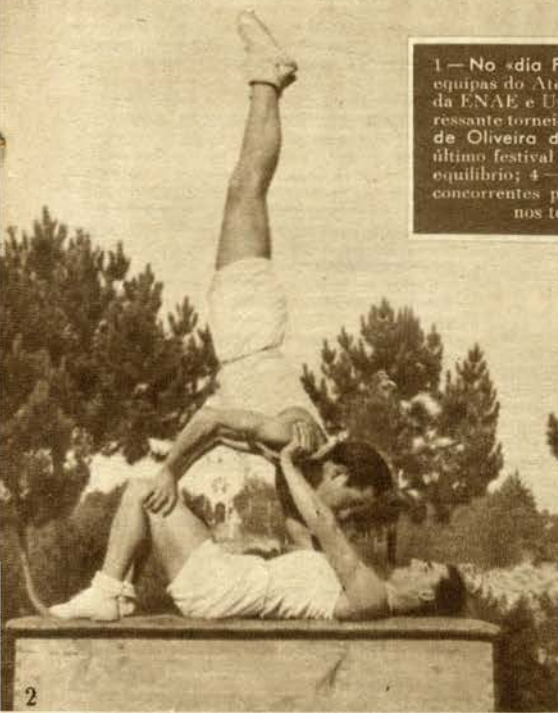
Houve ainda futebol, «basket», «volley-ball» e em alguns conjuntos desportivos entraram turmas de oficiais e sargentos.

É uma orientação nova, que deu belo triunfo à 1.ª Região Militar. Focar esta verdade é concorrer para que se sigam as pisadas dos nossos soldados.

PORTUGAL DESPORTIVO



1 — No «dia Feminino» de «basket-ball», no Barreiro: As equipas do Ateneu Ferroviário, Belenenses, G. Desportivo da ENAE e Unidos do Barreiro, que participaram no interessante torneio; 2 e 3 — A actividade do União Desportivo, de Oliveiro de Azemeis: Dois gimnastas em exhibição no último festival e Fernanda e Edith Alegria em exercícios de equilíbrio; 4 — Os compeonatos de ténis do Curia: Os concorrentes portugueses e estrangeiros que se exibiram nos torneios da bela estância de turismo



2



3



4

VOLTOU PARA LISBOA A TAÇA «RODRIGO DE CASTRO PEREIRA»

O campeonato de Portugal, Inter-clubes (2.ª categoria) única competição de equipas que, com regularidade, se tem disputado em Portugal (as taças «Guilherme Pinto Bastos» e «Nicolaou de Almeida» calaram por completo no esquecimento) teve o seu epílogo na penúltima quinta-feira, nos aprazíveis «cours» da Curia.

All se defrontaram os «teams» vencedores das eliminatórias das zonas Norte e Sul, respectivamente o Law-Tennis da Foz e o Clube Internacional de Futebol.

A luta previa-se ardorosa e difícil para qualquer das equipas, que quasi podiam considerar-se seleções do Porto e Lisboa. Se sob este aspecto a espectacularidade não foi iludida, já o mesmo não pode dizer-se quanto ao resultado final de 4 vitórias a uma, alcançado pelos lisboetas, mesmo tendo em atenção a ausencia de José Matos na formação nortenha.

A vitória da jovem equipa do Internacio-

LUTA GRECO-ROMANA

Antes de mais nada, uma Federação!

A campanha pró-ressurgimento da luta greco-romana, cafu em bom terreno. Depois das cartas a que nos referimos em um dos nossos últimos números, recebemos verbalmente protestos de solidariedade de praticantes do belo desporto e até de alguns dirigentes.

Mas temos hoje ensejo de citar mais uma missiva recebida de um antigo lutador (o termo «antigo lutador» é agora aplicável a todos que há 3 anos estavam em actividade, pois dessa data para cá nunca mais se lutou oficialmente...) que foi campeão dos «médios», representou o Lisboa Gimnásio, onde aprendeu, passou depois para o Gimnásio Clube Português e em Outubro próximo voltará ao seu primitivo clube. E Henrique Carmo e Silva. Diz-nos ele: «Os afazeres da minha vida profissional não me permitiram corresponder imediatamente à campanha que levantaste na *Stadium* e pela rádio. Tenho-a seguido com entusiasmo e com emoção, até causa tristeza ver abandonar assim tão bela modalidade. E, afinal, são os clubes os únicos culpados. A eles se deve a Federação, falecida, em circunstâncias misteriosas, há três anos. Com o teu desassombro, de que muitos não gostam, por lhes estragar o remanso onde vegetam, não cedas um palmo do terreno já pisado. Continua. Terás, sem dúvida, o apoio entusiástico de quantos — e tantíssimos são — se interessam pela luta. Naquilo em que eu puder ser prestável e útil, na modéstia dos meus recursos, conta comigo inteira e incondicionalmente. Bem sabes o que tens a fazer. Mas se não levas a mal, e me dás licença, parece-me que em primeiro lugar é preciso uma Federação. Deem oportunidade aos novos, que eles se revelarão. O regime de silêncio em que se permanece deixa de ser desleixo para ser um atentado de lesa-desporto».

Obrigado a Henrique Carmo e Silva pelas suas palavras. Constituem um estímulo, a reforçar o que de há muito nos anima.

Com efeito, é necessário dar vida à Federação. Mas será preciso começar pelas clubes. Que pensarão eles? Da Federação caduca, os seus dirigentes (que depois de muito terem feito luta, a têm arrastado ao caos presente) não levantam a luvá... O secretário-geral, sr. Franklin Pereira, prometeu-nos responder, dizendo o que pensava sobre a campanha. Ficámos encantados com a perspectiva. Vão, porém, decorridos três meses e nada recebemos. Deixar «correr o marfim», não é a melhor solução, embora seja a mais cómoda. Que terá o sr. Franklin Pereira a responder agora?...

LANÇA MOREIRA

nal foi merecida e até os próprios adversários o reconheceram.

Após temporada brilhantíssima em Lisboa onde nem uma só vez foi derrotada, a representação do C. I. F. foi buscar à Curia a valiosa taça «Rodrigo de Castro Pereira», que constitui o prémio do campeonato de Portugal.

A equipa «Internacionalista» soube corresponder à confiança que os seus dirigentes nela depositavam. Prata Dias foi, como se esperava, o principal obreiro desta vitória. Mas os seus companheiros, com a desvantagem de maior inexperiencia de encontros de tamanha responsabilidade, deram boa conta de si, a despeito de não lhes ter sido possível apresentar-se na melhor forma.

José da Silva e Azevedo Gomes, dois dos mais esperançosos jogadores do tenis lisboeta, não puderam aproveitar, como Prata Dias e Rui Pereira, os benefícios da quasi constante actividade que se regista nos «cours» da Estrêla, mercê das frequentes organizações da secção do clube a que pertencem.

José da Silva provocou a unica vitória da equipa portuense. Mas perder em frente de Hardy Júnior não deslustra. Em contrapartida, ao lado de Azevedo Gomes contribuiu — e bem — para a vitória sobre um forte par: Hardy Júnior-Diogo Távora.

Foram precisamente as duas provas de «pares-homens», tidas como as mais difíceis para os lisboetas, que vieram a contribuir para a nitidez do resultado final favorável aos rapazes do Internacional.

A equipa portuense, que em 1941 batera, um tanto inesperadamente, o mesmo adversário, teve em Hardy Júnior o seu principal esteio. O campeão do Porto, tal como Prata Dias na equipa lisboeta, esteve em três provas, mas só de uma conseguiu sair vencedor. O primeiro par nortenho ressentiu-se da falta de José Matos e deve, por isso, ter dado menor rendimento. Todavia a equipa não saiu diminuída da contenda.

O Internacional havia sido a primeira equipa lisboeta que deixara fugir para o Porto a taça «Rodrigo de Castro Pereira». Briosos, os seus representantes não quiseram desperdiçar a primeira oportunidade de reaver para Lisboa o magnifico trofeu. Alcançaram a remissão e deviam ter proporcionado a satisfação do meio turístico lisboeta. Mas a vantagem do Internacional sobre os restantes «teams» de Lisboa tem provocado tantos «engulhos», que pômos em dúvida que o seu triunfo tenha merecido o acolhimento devido...

A lista dos vencedores da prova fica assim estabelecida:

- 1937 — Clube Internacional de Futebol.
- 1938 — Clube Internacional de Tennis.
- 1939 — Sporting Clube de Portugal.
- 1940 — Sporting Clube de Portugal.
- 1941 — Lawn-Tennis Clube da Foz.
- 1942 — Lawn-Tennis Clube da Foz.
- 1943 — Clube Internacional de Futebol.

Os campeonatos da Curia

Valorizam-se de ano para ano os Campeonatos da Curia.

A edição de 1943 excedeu, sob todos os pontos de vista — interesse, animação, concorrência e propagação da modalidade — os anteriores torneios, numa confirmação absoluta de que a dedicação e espirito de iniciativa de Alexandre de Almeida e seu filho Gil de Almeida são devidamente compreendidos.

Estamos em crer que tenista que uma vez vá a Curia participar das competições que ali se disputam não deixa de lá voltar. E assim que vemos engrossar de ano para ano a falange de jogadores que ali procura uns dias de excelente repouso e de camaradagem desportiva.

As provas deste ano caracterizaram-se

A Taça «STADIUM»

será disputada no próximo domingo, num festival integrado nas festas do XXIV aniversário do Clube Nacional de Natação

O Clube Nacional de Natação entra, na próxima semana, no seu vigésimo quinto ano de existência.

O que tem sido e o que representam os vinte e quatro anos que a colectividade agora completa — todos o sabem.

São vinte e quatro anos de trabalho profícuo e ininterrupto, sempre dirigido no melhor sentido, sempre noticiado pelos mais puros ideais desportivos.

A uma obra notável no campo da natação pura e do «water-polo» junta o Nacional outra não menos notável — a do ensino da técnica de socorros a náufragos.

No próximo domingo, pelas 17 horas, o acolhedor parque desportivo que o Clube Nacional de Natação possui na rua de S. Bento, viverá um dos mais animados momentos da sua existência.

Têm início as festas comemorativas do XXIV aniversário da progressiva agremiação, festas essas que «Stadium» patrocina.

Assim, realiza-se, conforme já anunciamos, um festival inter-clubes a que darão a sua cooperação o Alhandra Sporting Clube, o Atlético Clube de Portugal e o Clube Naval Setubalense, para esse efeito convidados pelo clube organizador.

Foi para este festival — sem dúvida o mais importante da série — que instituímos a taça «Stadium», aproveitando assim a oportunidade para nos associarmos ao momento festivo que o Nacional vive presentemente.

O programa do festival é o seguinte:

Infantis: 33 metros — bruços, costas e livres; *Principiantes*: 66 metros — bruços, costas e livres; *Júniors*: 100 metros — bruços e livres; *Inscrição livre*: 5x66 metros — bruços e 7x33 metros livres; *Senhoras, inscrição livre*: 33 metros — bruços, costas e livres; *Estafeta mista*: 4x33x59x66x100 metros livres, um infantil, principiante, um júnior e um sénior.

Como se verifica, compõem o programa provas em todos os «estilos» e para todas as categorias, não faltando sequer as estafetas, provas que, pelas suas características próprias, se revestem sempre de especial animação.

A presença dos nadadores de Alhandra e do Atlético, cuja equipa Rosa Lopes valoriza com a sua classe inconfundível; a oportunidade de vermos em acção os elementos do Naval Setubalense; a luta, por certo cerada, que os rapazes do Nacional irão oferecer — são, a juntar a muitos outros, elementos que rodeiam de optimista expectativa o festival de domingo.

As festas prolongam-se até 29, assim distribuídas: *dia 25* — festival inter-sócios para apresentação dos alunos das escolas de 1943, *dia 26* — jantar de confraternização; *dia 28*; às 22 horas — inauguração da actividade da secção de campismo do Clube Nacional de Natação, cuja secção levou a efeito, no parque desportivo, o seu primeiro acampamento. Haverá um «Fogo de Conselho», denominado «Chama Inquietas» e recitações adequadas. Para fechar, no *dia 29* — provas de natação inter-sócios.

pela elevada concorrência de jogadores. Desportivamente não forneceram surpresas. Os jogadores de primeira categoria, como sempre em menor número que os de 2.ª e 3.ª, chegaram e sobram, revelando mais uma vez a diferença de valores entre as categorias. José Roquete, com o título de campeão de Portugal ganho oito dias antes, voltou a ser como é natural, a figura saliente dos campeonatos, ganhando duas provas.

Dos menos categorizados, Orton evidenciou-se.

DRIVE

As actividades de verão
da «Mocidade Portuguesa»

A actividade da «Mocidade Portuguesa» não cessa — apenas muda de características em cada época do ano.

Terminados os trabalhos escolares, e com eles os torneios e campeonatos que a «Mocidade Portuguesa» levou a efeito nos vários «escalões» e nas várias modalidades desportivas, os filiados da patriótica organização entregam-se a outras actividades mais de acordo com o período actual — o período de férias.

Há que procurar os lugares frescos e aprazíveis, repousar o corpo e o espirito, tomar contacto com a natureza e apreciar calmamente os trechos mais belos das nossas paisagens.

Nada há, como o campismo, que se preste para esse efeito. Dentro desta ordem de ideias, a «Mocidade Portuguesa» organizou colónias de férias, acampando os filiados à beira-mar, nas serras ou no campo.

Assim, na quinta da Marinha, em Cascais, estabeleceu a sua colónia o Centro Extra-Escolar 2 (Officinas Gerais de Material de Engenharia) em turnos sucessivos de 80 filiados, que há dias receberam a visita do comissário nacional, dr. Marcelo Caetano, e de inúmeros dirigentes.

Na Arrábida acampa o Centro 22 (Liceu de Camões); no rio do Mouro estão os rapazes do Liceu de Gil Vicente e da Escola de Luis de Camões; e próximo da Lagoa de Albufeira tem a sua colónia de férias o Centro Extra-Escolar 7 (Voz do Operário). E nesse mesmo local instalarão os seus acampamentos os Centros Extra-Escolares 9 e 10.

Nestas colónias pretende-se continuar a acção educativa iniciada nos anos anteriores e alargar o campo de trabalho sob as vistas da Acção Social da Divisão da Estremadura.

No Pórtico, o Centro Escolar 17 (Colégio dos Orfãos) acampará juntamente com os rapazes dos Centros Extra-Escolares.

Na Figueira da Foz funcionará a colónia de férias da Beira Litoral.

Em Vila Real e Portalegre outras colónias se estabelecerão.

Finalmente projecta-se a realização de um acampamento nacional na serra da Estrela, na Nave de Santo António, a 1.800 metros de altitude, no qual todas as divisões se farão representar enviando uma «quina».

Além de toda esta actividade, que abrange centenas e centenas de filiados, já se encontra em pleno funcionamento a Escola de Graduados da «Mocidade Portuguesa», instalada na 1.ª secção do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, à qual nos referiremos brevemente. Frequentam-na 70 filiados, que vão fazer o curso de comandantes de bandeira, havendo entre eles três de Ponta Delgada e dois da Madeira. Dirige superiormente a Escola Central de Graduados o sr. capitão Ribeiro Viana.

.. FLECHA ..

A melhor bicicleta



Salão de Exp. e Vendas:
L. do Intendente - LISBOA

Alberto Faria

Para despedida de Alberto Faria, o conhecido «keeper» do grupo de honra de «hockey» em patins do Ateneu Comercial, que parte para Lourenço Marques, efectua-se na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, no «rink» daquela colectividade, um festival de patinagem, no qual colaboram os melhores especialistas da modalidade.

A assembleia geral do Sporting

Uma sessão prestigiante a coroar
um ano de trabalho fecundo

As assembleias gerais dos clubes de desporto eram, em tempos passados, reuniões tumultuosas onde se degladiavam facções, discutiam questões sem alcance colectivo ou ajustavam contas os despeitados e os «inimigos do governo».

Felizmente as coisas mudaram agora de aspecto, as agremiações adquiriram na massa associativa a necessária consciência clubista e os assuntos são versados nas assembleias com elevação, reconhece-se o mérito a quem trabalha no interesse comum e manifesta-se o sentimento de solidariedade que faz fortes os agrupados sociais. A leitura dos relatórios das reuniões anuais dos nossos clubes desportivos passou a ser consoladora, embora talvez tenda perdido a preferência de certa classe de maldosos pescadores de escândalos alheios.

A recente assembleia do Sporting Clube de Portugal foi mais um testemunho desta evolução satisfatória: enorme concorrência de associados, ambiente de entusiasmo e confiança nos directivos escolhidos, afirmação desassombrosa do propósito de caminhar livremente para o destino escolhido — guiando-se apenas pelo próprio critério e dando valor de zero às insinuações ou entraves gerados fora da colectividade.

Os sportingistas manifestaram, eloquentemente, com os seus aplausos ao presidente dr. Amado de Aguiar e aos seus mais directos colaboradores, o reconhecimento pelos serviços prestados durante um ano de por-

ATLETISMO PORTUENSE

(Conclusão da pág. 6)

do atletismo. Três épocas de bem orientada preparação fariam dele um «recordman»!

Romero continua a prometer, mas precisa de treinador com «pulsos», que não lhe permita certas liberdades... Costa e Almeida, se bem que pouco feliz, é valor a aproveitar. Aconselhamos-lhe descanso e um inverno de cuidada preparação.

Morato confirmou o que dele dissemos já.

António Bernardo da Silva é outra revelação, mas parece-nos que está mal orientado, pois com a cubição de campeonatos têm-no obrigado a demasiadas provas. Não sei se tomará parte nas competições de seniores, mas, se o obrigam a tal, procede-se sem os cuidados especiais que a sua idade require. E jovem, está cheio de defeitos — e precisa de estudo, por agora. Um inverno de «cross» ligeiro e poderá na próxima temporada fazer um «tempo» nos 1.500 metros.

Findamos por aqui os nossos comentários, porque o espaço não tolera mais. Mas a actualização dos principiantes, estreates e juniores — que são as categorias que mais necessitam de estudo — virão a merecer largos comentários, que reservaremos para final da época e prolongaremos durante o inverno, para que a modalidade não caia no esquecimento...

EDUARDO SOARES

O Vilanovense vai apresentar uma equipa de atletismo?

Ferraz Carneiro, o dirigente n.º 1 do clube de Soares dos Reis, quer que o seu clube apresente uma equipa atlética na próxima época. E o nosso camarada Eduardo Soares deve ser o seu orientador técnico. Aqui está uma notícia para o atletismo portuense!

Por que não se realiza um Pórtico-Bragança-Coimbra, em atletismo?

Pela nova regulamentação, a época de futebol será encerrada no fim de Maio. Resta

flado labor e, em especial, pela forma decidida e desassombrosa como acorreram sempre em defesa do prestígio e dos interesses clubistas em todas as emergências da complicada política do meio. A atitude dos seus consócios provou à direcção cessante — que muito naturalmente é a direcção eleita — que eles compreenderam e sentiram com júbilo a afirmativa proclamada em certo ponto do preâmbulo do magnífico relatório de gerência: «A todos quantos supuseram que o Sporting estava com os pés para a cova, na disposição de aceitar uma candeia em substituição do facho com que sempre iluminara a vida desportiva portuguesa, a todos se respondeu com a dignidade dos filhos de boa gente».

Exposição clara e pormenorizada da actividade e situação do clube, este relatório é sem dúvida um documento de interesse geral, considerando como intérprete da existência, grandezas e dificuldades dum grande organismo de desporto.

O mapa, relativo ao movimento da secção de futebol, é expressivo, e, nalguns detalhes, impressivo. Para um total de 82 encontros em todas as categorias, o Sporting utilizou 65 jogadores, dos quais 34 remunerados, que custaram ao clube a bagatela de 280.253\$75.

Fernando Peyroteo foi o jogador mais caro, pois recebeu 14.870 escudos, mas tomou parte em 35 jogos e marcou 45 bolas, o que reduz o seu valor por jogo a 424\$85.

Esta média é largamente ultrapassada por quatro seus companheiros, cujo valor em escudos por jogo feito atinge proporções astronómicas: Armando Ferreira, 1.044\$89; Telmo Pereira, 951\$45; José Franco Júnior, 920\$20; Pedro Pirez, 872\$00 e Norberto Franco 814\$60.

A receita e a despesa totais da secção de futebol cifram-se, respectivamente, em 369.250\$15 e 408.956\$20 e o custo geral da actividade desportiva do clube foi de 506.321\$65 com um «déficit» de 117.632\$30; reduzidas, porém, as verbas de gastos gerais e aumentada sensivelmente a quotização para 332.146\$50 a gerência consegue fechar com o saldo de exercício positivo de 113.472\$40.

Em abono da folgada situação económica do clube acresce ainda a esplêndida transacção de venda do prédio da rua Rosa Araújo, que permitiu a liquidação de importantes somas de dívidas referentes a gerências anteriores e se traduz pelo depósito de 497.669\$10 em conta de Fundo Pró-Sede. No activo «leonino» figura ainda, pelo preço de custo de 48.391\$95, o terreno de que é proprietário contíguo ao estádio do Lumiar.

O número de associados que nos últimos dois anos decrescera de quasi um milhão, aumentou durante o ano social de 853 unidades.

Com estes tópicos essenciais, extraídos das 140 páginas do extenso relatório onde toda a vida do clube e todos os problemas que se lhe referem encontraram exacta interpretação, focamos os pontos praticamente essenciais dos resultados da gerência que os «leões» julgaram com justo louvor na passada sexta-feira.

O Sporting, firme nos seus alicerces, saberá prosseguir na luta profusa, onde tanto tem servido o desporto português.

que os dirigentes do nosso atletismo saibam aproveitar as datas livres de Junho.

É preciso que a A. P. A. tenha os seus dirigentes nomeados, o mais tardar, em Outubro, para que não se repitam os lamentáveis factos desta época.

Não basta haver atletas; é preciso que também haja quem oriente a modalidade.



ESTER RAMOS
DO SPORTING

vencedora das provas
de dardo e disco nos
campeonatos femininos

(foto Nunes d'Almeida)